Portugal busca tecnologia em papel e mercados alternativos

Por Marina Faleiros

A integração de plantas e a especialização de mercado são as armas dos produtores portugueses de papel e celulose para se manterem ativos no mercado mundial do setor. Com produção modesta se comparada a outros países da Europa, ocupando o 14º lugar entre os maiores fabricantes do continente de papel e o 6º de celulose, o país tem o diferencial de apostar na utilização da espécie *Eucaliptus globulus*, diferentemente do que fazem seus concorrentes mais próximos. "Por causa disso, Portugal já é o segundo maior produtor mundial de celulose de eucalipto, atrás apenas do Brasil e tendo somente a Espanha como concorrente no continente com essa matéria-prima", conta **Paulo Ferreira**, professor da Universidade de Coimbra e membro do Conselho Diretivo da Tecnicelpa (Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel).

O engenheiro esteve em São Paulo durante o ABTCP-PI 2009 para participar do congresso, fazer intercâmbio com pesquisadores brasileiros e divulgar o XXI Encontro Nacional Tecnicelpa, que acontecerá em 2010 em Lisboa, simultaneamente ao Ciadicyp (Congresso Ibero-Americano de Investigação em Celulose e Papel). "Existem novos paradigmas para a indústria, e este é o tema de nosso congresso de 2010, quando iremos falar sobre biorefinaria, novas sequências de branqueamento e novas aplicações para o papel, entre outros assuntos", diz. Para ele, o setor – não só na Europa, mas no mundo todo – precisa pensar em como manter os negócios diante das mudanças de mercado e consumo que se apresentam com a evolução tecnológica. "Estamos antecipando o que vem no futuro, para que o papel português continue garantido no mercado", diz.

BANCO DE IMAGENS ABTCP / CELSO LUIZ GONÇALVES

Ferreira: "Os fabricantes portugueses deixaram de produzir apenas celulose e apostaram na integração de fábricas"

Revista O Papel **– Para começar, como o senhor definiria, em linhas gerais, o mercado português de papel e celulose e a inserção de seus produtos no mercado global?**

Paulo Ferreira – A indústria portuguesa de celulose e papel detém 7% da produção industrial do país e 1,5% do Produto Interno Bruto. Portugal é o 6º produtor de polpa na Europa e o 16º de papel e foi o primeiro país da região a ter produção de celulose química de eucalipto. O início foi com uma unidade de polpa sulfito, em 1923, e hoje o país já é o segundo produtor mundial de celulose de eucalipto, atrás apenas do Brasil. Os dois grandes *players* do mercado são os grupos Portucel/Soporcel e Altri. Cerca de 35% do território é composto por áreas florestais, sendo desse todo aproximadamente 8% de florestas de eucaliptos e 12% de floresta de pínus.

O Papel **– Quais são as espécies de eucalipto utilizadas no país? As florestas portuguesas são tão produtivas quanto as do Brasil?**

Ferreira – A espécie mais utilizada é o *Eucalyptus globulus*. A fibra é muito boa, mas a produtividade da floresta é menor do que a do Brasil, naturalmente. Os ciclos de crescimento do eucalipto no país variam entre 10 e 15 anos. Como não podemos competir com países como o Brasil na produção de polpa, desde a década de 1990 os fabricantes portugueses deixaram de produzir apenas celulose e apostaram na integração de fábricas. As companhias portuguesas investiram principalmente em papel de imprimir e escrever não revestido, que tem uma qualidade excepcional. A primeira máquina de papel de imprimir e escrever montada dentro de um planta de celulose foi a MP1 da Soporcel, há 18 anos.

***O Papel* – O mercado consumidor de papel em Portugal é grande?**

Ferreira – O consumo de papel em Portugal é mais que o dobro do brasileiro, alcançando 114,6 quilos por habitante, mas, pela proporção de população, acabamos exportando boa parte do que produzimos. Em relação ao PIB, a população portuguesa consome menos papel do que a dos países mais desenvolvidos da Europa, onde o hábito da leitura está mais enraizado. Mas existem boas perspectivas para o aumento do consumo de papel, se forem atendidas as medidas que visam a aumentar o nível de educação da população.

***O Papel* – Qual é a estratégia de Portugal para garantir mercados e expandir sua indústria?**

Ferreira – Hoje Portugal exporta cerca de 48% da celulose que produz e 79% do papel. O valor não está na produção de polpa, coisa que o Brasil consegue porque tem uma floresta com uma produtividade muito superior e custos menores. Por esta razão, Portugal precisa de um produto de alto valor para ser competitivo, o que levou o país a apostar em papéis não revestidos, que possuem um mercado relativamente estável e ampliado. Hoje vendemos para o mundo todo (mais de 90 países), como países da Ásia, e inclusive para mercados menos tradicionais, como Irã e Angola.

***O Papel* – Qual é o potencial de crescimento da indústria portuguesa de celulose? Existem terras disponíveis para plantio?**

Ferreira – Portugal não tem como expandir substancialmente sua área florestal, em grande parte na posse de pequenos proprietários e não das empresas do setor de celulose. Os grupos privados possuem apenas cerca de 200 mil hectares de florestas e precisam fazer parcerias com os produtores menores para garantir o abastecimento de madeira. Como a produtividade de solo na América Latina é muito superior, garantindo um abastecimento mais rentável e corte nos custos de produção, existe a possibilidade de, como a Botnia fez, também Portugal instalar uma fábrica na América Latina.

***O Papel* – É possível ver que Portugal tem buscado alternativas de mercado onde ainda não há tanta concorrência. Como o setor está se preparando para o futuro?**

Ferreira – Existem novos paradigmas para a indústria, e este é o tema de nosso congresso de 2010, quando iremos falar sobre novas aplicações para o papel e novas estratégias de branqueamento, por exemplo. Temos muito o que pensar ainda sobre biorrefinarias e o aproveitamento da madeira em sua totalidade para a produção de energia, além do fechamento de circuitos e questões ambientais. Na área de papel, estamos desenvolvendo estudos para a funcionalização da superfície do papel, que poderá ser utilizado em outras aplicações além da escrita. Estamos estudando, por exemplo, papéis condutores. Também pensamos em futuras aplicações na área da medicina, como, por exemplo, biosensores, coisa que ninguém poderia antes imaginar. O papel seria o suporte para uma série de outras funções, mas ainda estamos num nível experimental de estudos. Além disso, dentro do que já temos, precisamos ainda melhorar ainda mais a qualidade dos papéis de impressão e escrita. Estamos antecipando o que vem no futuro, para que o papel português continue garantido no mercado.

***O Papel* – Como é a formação de pessoas para atuar nessa indústria em Portugal?**

Ferreira – Não existe um curso específico de engenharia para celulose e papel. As empresas preferem profissionais com uma formação mais abrangente, como Engenharia Química. O que existem são cursos nas Universidades de Coimbra, Aveiro e Beira Interior em que os alunos podem optar por disciplinas nas quais recebem os conceitos fundamentais acerca da produção de celulose e papel. Outro caminho é o estudante também optar por fazer uma dissertação de mestrado ou doutorado nesta área, quase sempre em parceria com alguma indústria.

***O Papel* – Como é o relacionamento da indústria portuguesa com os produtores do Brasil e região?**

Ferreira – Nosso relacionamento com a América Latina agora é mais específico com o Uruguai, por conta de anunciados avanços em negociações para aquisição de área florestal e da intenção de se ter uma fábrica nossa lá. Já a relação com o Brasil é importante no nível científico, havendo projetos em parceria com a USP e até com algumas fábricas do setor. Além disso, o Brasil é fornecedor de matéria-prima, pois usamos celulose de *Eucaliptus grandis* conforme precisamos.

***O Papel* – Para finalizar, como o senhor avalia sua visita ao ABTCP-PI 2009 e quais suas perspectivas ao fazer parte dele?**

Ferreira – Este evento é muito importante e estou aproveitando o momento de troca de informação com pesquisadores do mundo também para divulgar nosso congresso Tecnicelpa/Ciadicyp em 2010, que terá um foco muito grande em inovação científica na indústria de celulose e papel. Esta é a maior exposição da América Latina e, sem dúvidas, é de grande valor a troca de informações durante estes dias em que pesquisadores e empresas se reúnem. Por outro lado, tive a oportunidade de visitar fábricas de equipamento e de produção de celulose e papel, o que considero do maior interesse.

Portugal seeks technology in paper and alternative markets

By Marina Faleiros

Plant integration and market specialization are weapons of Portuguese pulp and paper producers to remain active in the sector's global market. With a modest production volume compared to other countries in Europe, ranking 14th among the continent's biggest paper producers and 6th in terms of pulp, the country's main differential is that it bets on Eucalyptus globulus planting, which differs from its closest neighbors. "On account of this, Portugal is already the second biggest producer of eucalyptus fiber pulp, in which Brazil is number one and with Spain being its only competitor in the continent regarding this raw material", says ***Paulo Ferreira****, Professor at the University of Coimbra and member of the director's board of the Portuguese Pulp and Paper Technical Association (Tecnicelpa).*

The engineer was in São Paulo during ABTCP-PI 2009 to participate in the congress, exchange ideas with Brazilian researchers and divulge the 21st Tecnicelpa Congress and Exhibition, which will take place next year in Lisbon during the Ciadicyp 2010 (Iberoamerican Congress on Pulp and Paper Research). "There exist new paradigms in the industry and this is the theme for our congress in 2010, where we will talk about new applications for paper, biofuels and new bleaching sequences, among others technologies", he said. According to him, the sector, not only in Europe but also worldwide, needs to think about how to maintain business in view of the market and consumption changes that surface through technological innovations. "We are looking ahead to see what will be coming in the future so that Portuguese paper can ensure its continuity in the market", he said.

IMAGE BANK ABTCP / CELSO LUIZ GONÇALVES

Ferreira: "Since the 90's, Portuguese producers stopped making only pulp and began betting on mill integration"

O Papel *– For starters, how would you define Portugal's pulp and paper market and the insertion of its products in the global market?*

Paulo Ferreira *– The Portuguese pulp and paper industry accounts for 7% of the country's industrial production and 1.5% of Gross Domestic Product (GDP). Portugal is the seventh biggest pulp producer in Europe and the fourteenth in paper production, being the first country in the region to produce chemical pulps from eucalyptus. It started out with a sulfite pulp unit, in 1923, and is now the second biggest producer worldwide of eucalyptus pulp, behind Brazil only. The two main players in the market are the Portucel/Soporcel and Altri groups. About thirty five percent of the country's territory is composed of forest area, of which 8% is eucalyptus and 12% is pine.*

O Papel *– What eucalyptus species are used in the country? Are Portuguese forests as productive as the ones in Brazil?*

Ferreira *– The most common species used is Eucalyptus globulus. The fiber is very good but does not offer the same productivity as in Brazil. The eucalyptus growth cycles in the country range between 10 and 15 years. Since we can't compete against countries like Brazil in terms of pulp production, Portuguese producers stopped making only pulp as of the 90's and began betting on mill integration. Companies in Portugal invested mainly in uncoated printing and writing paper, which is of exceptional quality. The first writing and printing paper machine assembled inside a mill was Soporcel's MP1 18 years ago.*

O Papel – *How big is the paper consumption market in Portugal?*

Ferreira – *Paper consumption in Portugal is more than double that of Brazil's, reaching 114,6 kilos per inhabitant, but given the population's proportion we end up exporting a large part of what we produce. According to Portugal's GPD, the Portuguese population consumes less paper than the most developed nations in Europe, where the habits of reading are stronger. But there are incentives in place to increase this figure, such as government programs focused in education.*

O Papel – *What is Portugal's strategy for ensuring markets and expanding its industry?*

Ferreira – *At present, Portugal exports roughly 48% of the pulp and 79% of the paper it produces. Value is not in pulp production, which is something Brazil can achieve due to its forest area and lower costs. For this reason, Portugal needs a high value-added product to be competitive, leading the country to bet on coated papers. Today, we sell all over the world, to more than 90 countries, like other countries in Asia, including less traditional markets, such as Iran and Angola.*

O Papel – *What is the growth potential of Portugal's pulp industry? Is there land available for planting?*

Ferreira – *Portugal is unable to expand its forest, as many lands are owned by small producers and not by big companies of the sector. Private groups have about 200 thousand hectares of forest and they need to establish partnerships with small producers to have wood. As the soil productivity in Latin America is much superior, ensuring a more profitable supply and reduced production costs, there exists the possibility of installing a mill in Latin America, as did Botnia.*

O Papel – *It is possible to see that Portugal has pursued market alternatives where there is not as much competition. How is the sector preparing itself for the future?*

Ferreira – *The industry possesses new paradigms and this will be the theme of our Congress in 2010, where we will be talking about new applications for paper and new bleaching strategies, for example. We still have a lot of thinking to do about biorefineries and using wood in its entirety to produce energy, as well as closing circuits and environment issues. In the paper area, we are researching paper surface functions so that it can be used in other applications other than just writing. One example would be papers with conducting capabilities. We are also looking at future applications for medicine, like biosensors, something that people never imagined. Paper would be the support for a series of other functions, but our studies are still at an experimental level. Additionally, in terms of what we already have, we still need to improve more the quality of printing and writing paper. We are anticipating what will come in the future so that Portuguese paper can ensure its place in the market.*

O Papel – *And how are people trained to work in this industry in Portugal?*

Ferreira – *There isn't any specific pulp and paper engineering course. Companies prefer professionals with a more comprehensive education, such as Chemical Engineering. What exists are extension programs in the universities of Coimbra, Aveiro and Beira Interior, where students can opt for subjects that presents an introduction to pulp and paper production and related knowledge. Another option is for students to present a master or doctorate thesis in this area, always in partnership with a company in the industry.*

O Papel – *What is the Portuguese industry's relationship like with producers in Brazil and the region?*

Ferreira – *Our relationship with Latin America right now is more specific with Uruguay, as it is announced that Portugal plans to buy forest areas and install a mill in this country. Regarding Brazil, our relationship is more scientific, with projects in conjunction with the University of São Paulo (USP) and some companies of the sector. Beyond that, Brazil is a supplier of raw material and we use Eucaliptus grandis pulp whenever necessary.*

O Papel – *Lastly, how do you rate your visit to ABTCP-PI 2009 and what are your perspectives?*

Ferreira – *This event is very important and I am taking advantage of this opportunity to exchange information with researchers from around the world and to also divulge our congress Tecnicelpa/Ciadicyp in 2010, which will mainly focus on scientific innovation in the pulp and paper industry. This is the most important exhibition in Latin America and without a doubt, of major value for exchanging information during these days where researchers and companies get together. Also I had the opportunity to visit pulp and paper mills and equipment factories, which was very important.*